

AMOR

An illustration of a man and a woman sitting on a purple couch. The woman, on the left, has long blonde hair and is wearing a dark purple sleeveless top and a matching skirt. She is looking towards the man. The man, on the right, has dark hair and a beard, wearing a blue t-shirt and black shorts. He has tattoos on his left arm and leg. Between them is a large, pink, heart-shaped pillow with a white ampersand (&) on it. The background is a solid light purple color.

Química

Onze anos depois, um
reencontro com uma proposta.

Duas semanas de farsa.

E apenas uma regra: não
se apaixonar.

 FARO
EDITORIAL

ELIZABETH MCKENZIE

AMOR
&
Química



ELIZABETH MCKENZIE

TRADUÇÃO SANDRA MARTHA DOLINSKY

AMOR
&
Química

Dedico este livro ao seu cabelo, Harry Styles.
Nada disso existiria sem você. E àqueles que
desejam passar os dedos por cachos perfeitos; eu
entendo. Eu sou uma dessas pessoas.





CAPÍTULO 1

— Ashley Hutchinson, por favor, dirija-se à sala do diretor.

A voz que me chama pelo alto-falante crepita em meio ao murmúrio abafado do laboratório de química. Os alunos largam seus bicos de Bunsen e béqueres — alguns transparentes, outros cheios de um líquido laranja borbulhante ou de um verde radioativo — para olhar para mim.

Um béquer pegou fogo. Vai ser divertido limpar isso depois. Ou melhor, jogar fora; nem acetona consegue salvar esse béquer, e eu me recuso a usar equipamento contaminado por matéria orgânica em minha sala de aula. Tenho padrões.

O ar está tão carregado de fumaça que começo a tossir. A sala cheira a café queimado, como aquele do boteco perto da estação de metrô, um lugar que só dá lucro porque cafeína vicia e uma boa ressaca pode nos fazer pagar cinco dólares por uma xícara de lixo que ficou torrando na calçada durante uma onda de calor recorde no verão. Coisa que, por coincidência, eu fiz hoje de manhã.

— Oooooohhh, o que você fez, professora? — grita Jonah do fundo da sala, dando início a uma série de cochichos.

Outros professores o apelidaram de “o palhaço da turma” — cuja missão é perturbar a aula. Mas, na minha opinião, ele é um líder nato. E muito engraçado também. Claro que nunca vou lhe dizer isso; ele vai descobrir quando inevitavelmente se tornar o CEO de uma startup no Vale do Silício.

Olho para Jonah rindo e coloco o dedo indicador sobre a boca, insinuando que sei o que fiz para ser chamada à sala do diretor e que não vou contar. Mas

a verdade é que não faço ideia de por que ele está me chamando. Volto a atenção para a turma toda e digo:

— Desliguem os bicos de Bunsen, guardem as substâncias nos frascos e terminem o relatório.

Eu me levanto num pulo e abro uma janela para que odor saia da sala.

— Aaron, você fica responsável pela turma — digo ao garoto de treze anos mais inteligente que conheço. — E não se esqueçam de rotular os frascos. Preciso do nome de vocês, da data de hoje e dos ingredientes.

Saio e fecho a porta. Na verdade, esse relatório não tem valor nenhum. É o último dia de aula, e todos foram aprovados com louvor. Mas por que desperdiçar uma última oportunidade de praticar? Além disso, agora tenho dez frascos de xarope para drinques para as férias de verão. Bem, só nove. Não é possível que todos estejam perfeitos.

Este ano, optei por uma combinação de infusão de laranja, infusão de limão e água com açúcar. Estou louca para experimentar o xarope de Aaron esta noite. Parece ser a única maneira de aliviar a dor de cabeça que estou sentindo agora. Acredite, já tentei de tudo.

Viro o corredor e quase trombo com Clare, professora de biologia da Sherman Oaks Private School e minha maior incentivadora.

— Ash — diz ela, pousando a mão delicadamente em meu braço enquanto fazemos uma espécie de tango no corredor, desviando uma da outra e tentando interagir o máximo possível antes de cada uma seguir seu caminho.

Ela indica o alto-falante do corredor com a cabeça e sorri.

— Promoção?

— No último dia de aula? Acho difícil — digo, rindo.

Quem me dera. Talvez um dia. Holland terá que se aposentar mais cedo ou mais tarde, e eu sei que sou a pessoa certa para substituí-lo.

— Mais um prêmio, então? — diz ela, animada.

— Talvez — digo, meio tímida, como se não fosse nada.

Mas, na verdade, cada prêmio que ganho é mais uma prova de que sou capaz de dirigir a escola.

Retomo o caminho para a sala do diretor tentando conter o sorriso que começa a surgir em meu rosto. Caramba, talvez eu seja promovida...

Connie, a gerente administrativa, sinaliza para que eu entre sem desviar o olhar de seu teclado extremamente barulhento. Ela está sempre digitando; acho que nunca a vi parar de digitar. Estranho, não é? Quantas newsletters

será que ela consegue enviar por semana? E quantas vezes consegue pedir mais dinheiro aos pais para instalações ainda mais modernas?

Minha teoria é que, secretamente, Connie é como a personagem de Allison Janney em *10 coisas que eu odeio em você*: uma escritora de livros eróticos que usa um pseudônimo, algo tipo Mike Hunt, e passa o dia escrevendo sobre o “membro pulsante” dele entrando em sua “fenda”.

Connie me dá permissão com a cabeça e entro na sala do diretor Holland. Sou imediatamente atacada por uma enxurrada de prêmios de participação pendurados nas paredes. Coisas tipo “Escola Mais Bem Vestida de 1984” e “Cardápio de Almoço Mais Saudável do Condado”. Procuro o certificado de “Maior Babaca” de Holland, mas não encontro. Nem sei como ele ganha esses prêmios. Será que existe uma noite de premiação para diretores, à qual vão pessoas tristes para se sentir validadas?

Não me interprete mal. Eu adoro dar aulas; adoro meus alunos. Mas detesto o diretor da escola, Holland. Se eu fosse traçar o perfil dele, como em *Criminal Minds*, minha série favorita para maratonar, ele seria um assassino em série, sem dúvida. Homem, na casa dos quarenta, com problemas com a mãe — por isso, obviamente, odeia mulheres fortes. Acha que o mundo lhe deve algo.

Ele me ouve entrar e gira sua cadeira vintage de couro e faz um gesto para que eu me sente.

— Ashley — diz, de um jeito tão repugnante que quase vomito.

Como alguém pode fazer a pessoa odiar o som do próprio nome?

— Sabe por que a chamei aqui hoje?

Acho que vamos pular a conversa fiada. Graças a Deus. Quase pergunto diretamente onde está meu mais recente prêmio, mas decido dar uma de modesta.

— É sobre o xarope para drinques? Genial, não é? As crianças adoram aprender sobre hidrólise — digo, para explicar que as aulas de química também servem para aprender habilidades úteis para a vida.

Ele balança a cabeça negativamente.

— Recebemos reclamações.

Como é que é? Reclamações? Por essa eu não esperava. Eu gosto dos meus alunos; eu os acompanho desde a pré-adolescência, quando não sabem nem que o hidrogênio é o primeiro elemento da tabela periódica, até

alcançarem as melhores notas do estado. E eles sabem fazer um xarope para drinques incrível.

— Do que está falando? Se não me engano, um desses prêmios nessa parede diz que sou a melhor professora de química do estado. — Aponto para a parede onde, de fato, há uma placa com meu nome.

É verdade que o nome da escola é maior, e o do maldito Holland também. Mas, mesmo assim, ali está a prova.

Um sorrisinho irônico surge no canto da boca de Holland. Ele está adorando. Mantenho o perfil de *Criminal Minds*. Não me surpreenderia se descobrisse que ele tem um porão cheio de membros mutilados.

— Não se trata de suas aulas, Ashley. — De novo, estremeço com meu nome. — Recebi inúmeras denúncias sobre suas atividades extracurriculares.

Ele enfatiza tanto a palavra *extracurriculares* que consigo sentir o cheiro de tabaco rançoso do cigarro não tão secreto que ele fuma na hora do almoço.

— Nossa reputação é importante — prossegue —, e seu... comportamento *promíscuo* está incomodando os pais, o corpo docente e a comunidade escolar.

De repente, sei exatamente onde isso vai dar. Kelly, a maldita professora de educação física, me dedurou.

Muito bem, vamos lá. Não que eu precise me justificar para ninguém, mas o que eu sei é o seguinte:

Existe a oxitocina, a droga do amor, e existe a luxúria, o puro hormônio do sexo; são polos opostos, tipo calor escaldante e frio congelante. Prazer e pé no saco. Completamente molhado e muito, muito seco. Amor e sexo, que jamais se encontrarão. A pessoa pode se apaixonar ou pode ter um sexo incrível, mas amor e química não podem coexistir.

Por isso foi criado o aplicativo Direto ao ponto. Nada de encontros, nada de amor, só sexo casual. Uma noite e só.

Agora, imagine só o tipo de homem que usa esse aplicativo. Pois é, esse tipo de homem. De modo que, admito, ter me encontrado com um deles depois do trabalho foi um erro da minha parte. Mas depois de dois caras seguidos, meu lado safada ficou desesperado.

Semana passada, com o aplicativo na mão, encontrei um cara que morava na esquina. Dei like no perfil dele na hora do almoço; ele insistiu em me encontrar no final do meu expediente e me acompanhar até a casa dele. Para

piorar, ele agarrou minha bunda assim que cruzei o portão da escola, de modo que, para ser sincera, tive sorte de só a Kelly ter visto.

Quanto ao homem em questão, não me lembro do nome dele, mas lembro que tinha um pênis curvado que alcançava lugares que nem meu vibrador era capaz.

Eu estava contente com minhas regras; sempre havia dado certo. Até agora.

O sorrisinho malicioso de Holland se transformou em um sorriso aberto. Tenho vontade de socar a cara dele, mas apenas respiro fundo. Ele está esperando minha resposta.

As coisas agora só podem acabar de duas maneiras: a primeira é ele tentar controlar minha vida privada e, nesse caso, como *The Handmaid's Tale* diz, *abençoado seja o fruto*. Ou ele vai usar isso como justificativa para me demitir.

Noto sua expressão presunçosa. *Putá merda*, ele vai me demitir! Não. Não pode ser. Impossível.

Mas, aparentemente, é perfeitamente possível.

— A partir de agora, você está demitida — diz ele, extremamente satisfeito consigo mesmo, como se sentisse prazer em acabar com a vida de alguém. Coisa que, sejamos honestos, ele deve sentir mesmo.

Estou de queixo caído. Não consigo acreditar no que está acontecendo. Uma parte de meu cérebro questiona a legalidade da situação: ele pode mesmo me demitir por causa do meu comportamento social? O que acontecerá com meus alunos, que estudariam química avançada comigo no ano que vem? Quem vai cuidar para que o armário de materiais fique devidamente etiquetado? Olho para meu relógio; são 15h11. O sinal já vai tocar.

— Mas que caral... — eu me interrompo, sabendo que se deixar escapar um palavrão sequer, serei demitida com certeza. — Você não pode me demitir por causa das pessoas com quem me relaciono.

Uso o termo de um jeito genérico, porque não se pode chamar de relacionamento meus casos de uma noite só. Mas ele não precisa saber disso.

Ele se levanta para parecer maior — tática que, tenho certeza, ele aprendeu em “Como perder amigos e intimidar pessoas”. Acho que todo mundo sabe, por experiência própria, que o tipo de homem — aliás, o tipo de idiota — que precisa se parecer maior geralmente tem problemas com o tamanho do que tem no meio das pernas. Tenho ânsia de vômito só de pensar na região da virilha dele.

Ele mostra os dentes manchados de nicotina, como um cão de guarda de ferro-velho louco para atacar.

— Como você deve se lembrar — diz ele com a voz pausada —, seu contrato tem uma cláusula de ética que proíbe qualquer interação sexual nas dependências da escola. Você a violou na semana passada.

E, assim, as feministas da primeira onda se reviram no túmulo. Faço alguns cálculos mentais: posso processar a escola por demissão injusta? Não. Essa escola tem um dos melhores advogados do estado à sua disposição, graças ao privilégio que esses filhos de ricos herdaram. Não tenho a menor chance de ganhar em um processo.

— Você já preencheu minha vaga para o ano que vem? — pergunto, odiando minha voz, que sai suave e triste.

As crianças são meu mundo. Posso fingir ser durona e sarcástica, mas, na verdade, adoro ajudá-las a amar química. E, agora, não posso mais fazer isso. Pelo menos não nesta escola. E talvez nem em outra, já que, provavelmente, todas as vagas de professor para o próximo ano letivo já foram preenchidas. Foi um golpe sádico; ele poderia ter me avisado uma semana antes, quando as novas vagas estavam abertas. E, coincidentemente, quando Kelly viu minha bunda sendo apalpada.

— Você entende o que significa “a partir de agora”, não é? — pergunta ele.

O sinal toca. Sinto meu estômago revirar quando a realidade me atinge em cheio. Puta merda! Acabei de ser demitida por ser a melhor professora de química do estado e, por acaso, ter uma vida sexual ativa.

Caralho!



CAPÍTULO 2

A luz do sol entra pelas frestas de minha persiana de madeira. Minha cabeça parece habitada por uma britadeira drogada ouvindo Metallica. Ressaca emocional é muito mais brutal do que a causada pelo álcool. Fecho os olhos por causa dos raios de sol irritantes e tudo volta à tona.

Fui demitida. Não vou voltar para a escola. Não vou poder pagar o aluguel este mês.

Emily, minha melhor amiga, está deitada de bruços ao meu lado, com seus longos cabelos castanhos cobrindo o rosto. Ela chegou ontem depois de sua última aula do dia, na Sherman Oaks Private, e perguntou se eu estava a fim de resolver problemas ou de chorar as pitangas. Obviamente, escolhi as pitangas. E foi exatamente o que fizemos.

— Bacon? — ela pergunta, virando-se para cima e gemendo, fazendo-me recordar que não conseguimos encarar as ressacas como antes.

— Bacon é sempre uma boa ideia — digo, tentando me sentar.

É nesse momento que noto a garrafa de tequila vazia ao lado da cama dela.

— O que você fez ontem à noite? — pergunto, inclinando a cabeça para a cena em questão.

— Você estava roncando tão alto que eu tive que beber para dormir — diz ela, revirando os olhos, como se eu fosse responsável pela ressaca dela.

— Como se eu roncasse — digo, atirando meu travesseiro nela.

— Você ronca desde que eu te conheço — diz ela, pegando meu travesseiro e colocando-o na pilha dos dela.

Vejo que ela está usando minha camiseta velha de dormir dos Rams e recordo que ela me deixou limpar as lágrimas na blusa dela. O mínimo que posso fazer é conseguir bacon para ela.

— Não tem bacon — digo e me levanto. — Quer ir comer fora?

Não preciso dizer duas vezes. Minutos depois, estamos sentadas à mesa de canto de nossa cafeteria predileta, saboreando cafés grandes enquanto esperamos os ovos com bacon. É uma daquelas cafeterias minúsculas, com apenas uma mesa de canto e uma maior, comunitária, que faz a gente questionar a decisão comercial de abrir uma cafeteria num espaço tão pequeno; mas eles compensam com mesas e cadeiras que lotam a calçada e o beco. O aroma de café moído na hora que se espalha pelo ar abafa o zumbido da máquina trabalhando a todo vapor para atender aos outros clientes que também chegam cedo para tomar o café da manhã.

— Será que a Reseda ainda está procurando professor de química? — pergunto.

Não estou falando muito desde que chegamos, perdida em meus pensamentos. E Emily ainda não está forçando a barra.

Meu plano de ontem à noite era afogar as mágoas por ter sido demitida e ignorar as repercussões disso em meu currículo. Não existe escola no país que queira uma professora, muito menos uma diretora, que tenha sido flagrada sendo apalpada na frente das crianças. Dizer que não tenho futuro não é exagero; não me encaixo na categoria “quem sabe, faz; quem não sabe, ensina”. A carreira na educação é tudo para mim, e agora preciso arranjar outro plano.

— Não — diz Emily, categórica.

Claro que ela sabe. Essa professora de inglês tem contatos, conhece todos os diretores num raio de dez quilômetros. Aliás, esqueça: todos os diretores num raio de dez quilômetros a conhecem. Claro que não estão mais procurando professores. Ninguém está.

— O pior de tudo é que não perdi só meu emprego, meus alunos e meu propósito de vida, como, para piorar ainda mais a situação, não vou poder pagar o aluguel este mês. O que vou fazer? — pergunto, finalmente pronta para encontrar uma solução.

Porque, claro, eu não tenho o equivalente a seis meses de salário guardado para uma emergência. Com a economia do jeito que está, quem tem?

Emily faz uma careta e parece que vai perguntar se fui eu que soltei pum. Não fui.

— Tem certeza de que não pode pedir dinheiro para sua mãe?

Eu a perfuro com um olhar *que diz: DE JEITO NENHUM*.

— Seu pai? — pergunta, quase fazendo uma careta, mas disposta a explorar todas as opções.

— Você sabe que eu preferiria me prostituir a pedir dinheiro a qualquer um deles — respondo bruscamente. — Vamos pensar só em opções sérias.

Uma das vantagens de ter uma amizade de mais de uma década é não precisar explicar por que não quero a ajuda dos meus pais. Ela sabe do trauma que eles me causaram, por isso, não insiste.

Mas Emily não está olhando para mim; está olhando algo atrás de mim. Sigo o olhar dela e vejo um quadro de avisos anunciando um lindo conversível vermelho à venda.

— Não tenho idade para comprar um carro por causa de uma crise de meia-idade — digo. — E nem dinheiro para isso.

— Que tipo de carro alguém que está em constante crise compra? — pergunta Emily.

E antes que eu possa reagir dramaticamente dizendo que não estou em crise, gesticulando como um daqueles bonecos infláveis de braços engraçados que a gente vê nos postos de gasolina, comprovando ainda mais o argumento dela, Emily se levanta, vai até o quadro e arranca um pedaço de papel colorido de lá.

— Ganhe para dormir — lê, enfiando o papel na minha cara.

— O quê?

Meu cérebro, ainda de ressaca emocional, não está com paciência para enigmas; está a fim de ficar jogado no sofá assistindo a psicopatas perturbados. Mas como estamos a oito quilômetros do sofá, dou uma olhada no pedaço de papel. É um anúncio de um programa de estudo do sono com duração de quatro semanas. Querem estudar pessoas com insônia, mas precisam de pessoas que durmam bem para o grupo controle.

— Você é perfeita — diz Emily. — Roncou a noite toda e não acordou nem uma vez. É a pessoa mais indicada que existe.

— Deixar estranhos me observarem dormir? — pergunto, erguendo uma sobrancelha. — Isso é coisa de *Criminal Minds*, cara. Sabe aquela parte que toca uma música sinistra enquanto a vítima é assassinada?

* * *

Jogo o papel na mesa e tomo meu último gole de café. O garçom passa e aponto para o copo vazio.

— Outro, por favor.

Emily pega o jornal e aponta para umas letrinhas miúdas na parte de baixo, que meus olhos cansados não tiveram energia para ler.

— É, mas eles pagam oito mil dólares para isso.

Volto minha atenção para ela.

— Está falando sério?

Ela assente com a cabeça.

— É perfeito. Você passa quatro semanas no estudo do sono, nós temos o resto do verão para curtir, e você ganha um salário melhor que o de um professor de curso de férias.

Só nos Estados Unidos uma pessoa participa de um estudo clínico e ganha um salário maior que o responsável por moldar a mente da próxima geração.

Emily pega o celular e começa a digitar.

— O que está fazendo?

— Vou inscrever você — diz.

— Eu não concordei — respondo sem a menor convicção.

Bem, o dinheiro seria suficiente para pagar meu aluguel até o outono e ainda sobraria um pouco para manter nossas tradições de verão. Eu, por exemplo, estou louca para aprender a última dancinha do TikTok, beber drinques escondidos em sacos de papel pardo na praia, com sal no cabelo e areia entre os dedos dos pés, e planejar nossa elaborada festa de Halloween. Quem sabe a gente até comece a jogar tênis.

— Esse café vai começar a fazer efeito em uns três minutos e você vai me agradecer, porque sabe que seria uma loucura recusar essa oportunidade. Pronto — diz Emily, dando um último toque no celular. — Você tem uma entrevista na próxima sexta-feira.

Ela larga o aparelho quando o garçom traz nossa comida.

— Isso resolve o problema do aluguel — diz ela, como se nada fosse —, e teremos doze semanas para encontrar um jeito de você recuperar seu emprego. — E dá uma mordida no bacon.

Ergo uma sobancelha.

— Eu não apostaria nisso. Analisei todas as opções enquanto Holland estava me demitindo; com os advogados que eles têm, isso não vai acontecer — digo, com mais amargura do que pretendia.

— Você vai entrar comigo no primeiro dia de aula, como sempre fazemos. Espere para ver — diz Emily, sorrindo.

Emily sempre teve o dom de transformar merda em ouro. Eu quero comprar ouro, de verdade. Ouvi dizer que é sempre um bom investimento. Mas para investir em ouro, você precisa de dinheiro.

Pego um pedaço de ovo enquanto considero as opções disponíveis. Parece que vou mesmo fazer essa entrevista.

* * *

Depois de um cochilo no sofá no meio da manhã, tomo um banho e me sento no jardim de um café chique que eu jamais frequentaria por escolha própria. É um desses lugares com toalhas de mesa brancas e garçons que nunca deixam seu copo de água ficar com menos de um quarto da capacidade. Se existisse o esporte olímpico de manter os clientes hidratados, eles ganhariam medalha de ouro.

Estou esperando minha mãe, Hillary Hutchinson, cuja biografia diz: especialista em relacionamentos de renome mundial, autora do best-seller *Encontros, sexo e masturbação*, professora renomada da UCLA, apresentadora da série número um da Netflix *Deslize para a direita com a dra. Hutchinson* e, o mais importante, de uma beleza atemporal. Se eu ganhasse um dólar cada vez que alguém dissesse à minha mãe que ela “não tem idade para ter uma filha de trinta anos”, não precisaria participar desse estúpido estudo do sono. Ela me irrita, mas é minha mãe e eu a amo. Por isso aceito esses brunches mensais em lugares aos quais as pessoas vão não para comer, mas para serem vistas.

De onde estou — uma poltrona enorme e confortável que ficaria mais adequada numa sala de estar do que no terraço de um café —, olho para a entrada e percebo que vou ficar ali por um bom tempo; então, chamo um garçom e peço duas taças de champanhe. Esse é o nível de sofisticação do lugar: *taças de champanhe*. E assim começa o ritual da espera.

Se minha mãe chegar antes de eu terminar a primeira taça, a segundo é toda dela. Senão, é minha.

Meu celular vibra em cima da toalha de mesa branca e eu o pego. É o app Direto ao ponto. Acabei de dar match com um tal de Morgan.

Está livre esta noite?

Ao abrir a mensagem para investigar melhor, eu me deparo com uma selfie na academia. O corpo de Morgan ocupa toda a foto. Meus olhos são

imediatamente atraídos para a camiseta branca grudada em seu abdômen. Um abdômen que faz trair o olhar e querer descer mais, mais... que me faz notar que ele está de calça de moletom cinza. Calça de moletom cinza que deixa bem claro que ele não pretende me encontrar para conversar. O que é perfeito, porque também não pretendo ouvi-lo falar.

Dou zoom na foto com dois dedos, analisando meu possível encontro da noite. Morgan é o típico gostosão; cabelo cor de areia curto, limpo, dividido de lado.

Aposto que todas as mulheres que cruzam com ele o olham com desejo. A maioria dos homens também. E ele merece. É óbvio que malha para isso. Posso imaginar o vigor que ele tem.

Respondendo “*sim*” depressa e termino a segunda taça; as bolhas efervescem meu sangue e me fazem sentir leve e feliz, como nos verões de antigamente, quando eu gostava de saber que tinha um salário e que uma nova turma de alunos ansiosos me esperava no outono. Levanto os olhos bem na hora que minha mãe aparece à porta com um camisetão e tênis. Quem rouba a cena é seu cabelo cacheado e indomável e seus brincos CHA-NEL, sua marca registrada. Sabe aqueles que têm CHA escrito em uma orelha e NEL na outra, tão óbvios que todo mundo pensa: “*Sim, já entendemos, seus brincos são Channel*”? Mas ela está muito à vontade consigo mesma. Anoto mentalmente para copiar esse look quando chegar em casa... — menos os brincos caríssimos.

Observo enquanto é abordada por alguém tão confiante quanto ela, talvez a dona, e toda sua postura muda. Um “olá” exageradamente entusiasmado, um beijo rápido no rosto, muito contato, e então, a pessoa que segurava o braço de minha mãe tira o livro dela da bolsa.

Minha mãe pega uma caneta, abre o livro e dá um autógrafo. Quando finalmente me vê, afasta-se a contragosto de sua fã, que obviamente é uma companhia melhor do que sua filha única.

Ela deve ter conseguido conter o suspiro involuntário, porque, ao se aproximar da mesa, diz: “Cheguei! Cheguei!”, como se merecesse uma medalha por fazer o mínimo, que é comparecer ao brunch que ela mesma marcou e que eu teria adiado de bom grado.

Digo a mim mesma para não esquecer de tomar uma dose maior que a recomendada de paracetamol antes desses encontros mensais. Para prevenir.

— Oi, mãe — digo, cumprimentando-a enquanto um garçom aparece para lhe servir champanhe antes mesmo de ela se sentar.

Estou tentada a pedir mais um para mim também, só para ver se o garçom vai ter um derrame.

— Olá, Ashley, como você está? — diz ela, em um tom de voz baixo e pausado que me faz lembrar por que os programas matinais gostam de uma frase de efeito.

Ela me olha fixo e eu imediatamente me repreendo. Ela é terapeuta e adora um bom motivo para analisar os outros.

— Bem — digo, com um sorriso padrão que não revela nada, pois embora ela seja uma terapeuta brilhante, sou filha de uma terapeuta brilhante. — De ressaca, sabe como é, festa de fim de ano e tal. Estou meio lenta hoje — acrescento, sabendo que um simples “bem” é a isca perfeita para ela.

Vou lhe dar exatamente o que ela quer ouvir hoje, para que tudo seja o mais indolor possível.

Antes que ela possa responder, somos interrompidas por uma comoção à entrada, quando um homem com um buquê de flores do tamanho de seis cabeças tenta entrar. Um segurança está interceptando o entregador de flores, impedindo-o de cumprir suas obrigações.

Como eu não reparei nesse segurança fortão parado à entrada quando cheguei? Só as costas dele já são o sonho da seção “parte do corpo do mês” da *Men’s Health*. Ombros largos que se estreitam à altura da cintura, formando um V. *Formem uma fila organizada para a máquina de pull-down, rapazes.*

— Por favor, preciso falar com ela — implora o cara das flores.

Meus Deus, é como um pesadelo; estamos testemunhando um gesto romântico-alérgico.

— Lamento, mas não será possível — diz o cara das costas largas suavemente, mas com autoridade.

Não posso deixar de imaginar como seria ouvi-lo no quarto dizendo: “Boa garota”.

Ao contrário de mim, o tom de voz do grandão não convence o apaixonado cara das flores. Ele não vai embora. Fica andando por ali, procurando sua amada.

Olho ao redor e noto que todo mundo parou de conversar para assistir a esse episódio de cena de novela. Bem, é uma chance de encarar esse brunch sem ter que interagir com minha mãe. Obrigada, sexo-sem-compromisso que virou cara-apaixonado-triste.

Mas aí o episódio dá uma guinada.

— Preciso falar com a Hillary agora — diz o cara das flores.

Olho para minha mãe. Claro, ele está falando de minha mãe.

Ela nem se deu ao trabalho de se virar ao ouvir seu nome. Simplesmente tomou um gole de champanhe.

— Mãe! — digo, alarmada, tentando fazê-la assumir o drama que está criando.

— Já estão resolvendo tudo — diz ela, pegando o cardápio para dar uma olhada, como se nada estivesse acontecendo.

— Estão mesmo?

Olho para a porta e vejo Annie, assistente de minha mãe, ao lado do cara das flores, como se fosse apenas mais um serviço prestado pelo nosso simpático Homem-Aranha da vizinhança. Eles conversam baixinho, então Annie passa o braço pelos ombros dele e o conduz para longe dali.

— Espero que você dê um bônus generoso a Annie este ano — digo em voz baixa.

Minha mãe me olha com a cabeça inclinada, e eu me pergunto se não exagerei um pouco em minha pose de filha atrevida ao insinuar que ela não paga bem seus funcionários. Até porque tenho certeza de que paga.

O celular dela toca; é Annie. Sem dúvida quer lhe contar sobre o desenrolar do caso das flores. Tenho certeza de que isso não fazia parte da descrição do cargo quando Annie aceitou trabalhar para minha mãe. Saber disso me provoca uma leve sensação de vitória.

Mamãe vira o celular e pensa duas vezes antes de dar o sermão que — tenho quase certeza — ela tem na ponta da língua.

— Eu queria lhe entregar isto — diz, tirando um envelope da bolsa. — É do seu pai.

Pego o envelope sem me dar ao trabalho de perguntar o que é. Tudo relacionado à minha mãe e meu pai, o casamento deles que virou divórcio e depois amizade, eu simplesmente ignoro.

— Fale com ele sobre isso amanhã.

Minha mente trava na palavra “amanhã” antes que eu possa perguntar do que ela está falando. Ela deve ver isso estampado em meu rosto, porque pergunta:

— Amanhã vocês não têm o almoço de domingo?

Sinto a boca seca. Ah, o almoço...

— Sim, claro. — Aponto para minha cabeça e faço cara de “como sou idiota”. — Maldita ressaca — repito, tentando me recuperar da gafe.

Não quero que minha mãe pense que não falo com meu pai há meses. Nem que o esteja evitando. Nem que ele esteja me evitando. Bem, acho que não. Imagino que simplesmente a gente acorda um dia — esse dia sendo hoje — e percebe que não é convidada para o almoço de domingo há meses.

Mamãe me olha com aqueles olhos de terapeuta experiente por um momento longo e intenso. Não sei se acredita no que eu digo, mas, dando de ombros, ela decide deixar para lá. Graças aos céus pelas pequenas gentilezas.

— Então, quais são as novidades? — pergunta minha mãe, bebendo um gole de seu champanhe como se esse brunch já não houvesse rendido assunto suficiente até a última garfada.

Fui demitida. Não vou dar aulas no próximo semestre. Estou sem dinheiro.

Claro que não digo nada disso em voz alta. Respondo apenas:

— Nada de novo.

Isso lhe dá a oportunidade de começar a falar sobre seu último caso, que — surpresa! —, na verdade, não é o cara das flores.

Nada disso me choca. De quem será que puxei o gosto pelo sexo sem compromisso?